



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

## **MEMORIAL**

### **O MAIS AO NORTE**

Trabalho apresentado para a banca de formatura de Bernardo Paulo Pimentel Machado dos Santos (117089367) no curso de Direção Teatral da Escola de Comunicação.

Universidade Federal do Rio de Janeiro

2021

## AGRADECIMENTOS

Antes de começar este memorial, preciso agradecer a algumas pessoas que me ajudaram nessa reta final de curso e fizeram com que minha graduação fosse possível.

A Beatriz Santa Rita, Everthon José, Kamilla Ferreira, Márcio Ferreira, Maria Luísa Grimaldi, Miriam Guillarducci e Yasmin Viana por terem entrado de cabeça no projeto, mesmo que inesperadamente, pelas trocas, conversas, afetos e direções prestadas, tanto durante o processo de *O MAIS AO NORTE* quanto de *horas*.

A Caio Riscado, pela orientação, pela troca de informações, por sempre buscar entender o meu ponto de vista e me ajudar a criar algo mais potente.

A produtora do curso, Erika Neves, por todo o apoio durante esses quatro anos.

A José Henrique Moreira, coordenador do curso, por se arriscar em meio a uma pandemia, por estar disposto a auxiliar os alunos e a fazer com que a Mostra aconteça.

Aos funcionários da UFRJ, em especial Itamar e Seu Sérgio.

A Bruna Rachid, Julia Helena, Müller Hosken e Raphael Castro, a intrusa e a turma da evasão, pelas conversas, estresses, cenas, festas, apresentações, bandejões e risadas que compartilhamos e pela amizade que criamos.

Aos demais amigos de curso e de profissão, que confiaram em meu trabalho ao longo desses anos, por terem depositado suas confianças e projetos em mim.

A Paulo Hallier e Leonardo Medina, por aturarem surtos inacabáveis sobre minha profissão.

A Brendo Fernandes, por toda ajuda, conversas, conselhos e amor que me foi dado nessa reta final. Eu te amo.

Ao meu pai, que, enquanto em vida, sempre esteve disponível para fazer fretes de cenário e me ajudar nessa vida de produtor cultural. Eu te amo.

A minha mãe, por sempre ter me apoiado e me animado nessa difícil escolha que é ser artista. Eu te amo.

Obrigado.

## SUMÁRIO

4	Introdução
5	O projeto
8	Processo
13	Conclusão
15	Imagens
18	Referências bibliográficas
18	Referências audiovisuais

## INTRODUÇÃO

Entrei no curso de Artes Cênicas com habilitação em Direção Teatral sem saber o que esperar. Estava animado por ter passado em uma universidade e em uma área que tanto sonhei. Ao longo desses quatro anos – e meio, mas podemos pular essa parte por conta do Covid-19 – aprendi muito sobre teatro, dramaturgia, atuação e experimentei os percalços de produzir e dirigir teatro e audiovisual no Brasil.

O curso prevê, como projeto de conclusão, a montagem de uma peça, de até noventa minutos, para ser apresentada na Sala Vianinha, uma sala multiuso localizada na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desde 2017, ano da minha entrada na graduação, sonho com este dia. Infelizmente, com a pandemia de coronavírus e as restrições para reduzir a propagação da doença, a Sala Vianinha não recebe suas atividades – aulas, reuniões, espetáculos teatrais, entre outros – desde março de 2020.

Como alternativa, a coordenação do curso autorizou que as peças fossem gravadas ou realizadas ao vivo e exibidas no YouTube. Assim como *horas*, meu outro projeto dentro da faculdade, tive que modificar *O MAIS AO NORTE* para o audiovisual, uma área que, por mais que eu tenha um pouco de experiência, é muito nova e complexa para mim.

A pandemia de Covid-19 obrigou o mundo a ficar isolado por meses e tirou mais de 450 mil vidas apenas em território brasileiro – número ainda subindo. Uma destas vidas foi a de Roberto, meu pai, que faleceu em novembro de 2020 e é um dos motivos que me fizeram traduzir, adaptar e montar o texto dramático *A hundred words for snow*, de Tatty Hennessy.

*O MAIS AO NORTE*, título adaptado por mim, conta a história de Theo, um jovem-adulto que tem que lidar com a perda recente de seu pai. No meio de seu luto e não aceitando que o seu pai fique em uma urna funerária, ele decide realizar o maior sonho de seu progenitor: ir ao Polo Norte. Uma história de autoconhecimento, crescimento, perda, memórias, afeto, tristeza.

Este memorial tem como objetivo, então, registrar e relatar desde a criação do projeto, as dificuldades do processo, as vivências da equipe e a montagem de um trabalho de conclusão experimental em teatro e audiovisual.

## O PROJETO

Minha ideia inicial, em dezembro de 2019, época que comecei a pesquisar textos teatrais para minha formatura, surgiu em um momento muito específico da minha vida. Estava questionando a escolha da minha carreira, se estava na área que gostaria, quais seriam meus passos futuramente. Queria falar sobre estas questões íntimas e refletir sobre o propósito de nossas vidas, o porquê de estarmos aqui e para onde tudo que construímos vai nos levar. Havia, também, a vontade de que a dramaturgia que eu dirigiria fosse latino-americana e com uma pegada política e militante.

Depois de muita busca, me deparei com alguns títulos interessantes. Os guardei para que eu pudesse focar no processo daquele período, *horas*. Porém, em março de 2020, foi anunciado o primeiro lockdown no Brasil e, conseqüentemente, as aulas foram suspensas, bem como a universidade fechada por tempo indeterminado. Com essas medidas, interrompi o processo de criação do meu projeto de conclusão até outubro, quando o período foi retomado e as atividades acadêmicas voltaram a funcionar remotamente. Com minha dramaturgia escolhida, comecei a escrever o projeto de montagem durante a disciplina de Projeto, ministrada pela prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gabriela Lírio.

No dia 15 de novembro de 2020, domingo, recebi a notícia de que meu pai faleceu. Como a causa da morte foi o agravamento da infecção do coronavírus, seu funeral permitiu apenas a minha presença e dos meus irmãos, “o caixão era todo lacrado e mal conseguimos nos despedir dele”<sup>1</sup>. Naquele momento, senti que deveria fazer algo para dizer adeus mais apropriadamente. A partir deste ponto, recomecei a busca por uma dramaturgia que falasse da morte, saudade, amor, perda e que ainda fizesse indagações a respeito da vida humana, sobre nosso tempo em vida e tudo o que deixamos quando saímos deste plano para o espiritual.

Encontrei o texto de Tatty Hennessy, *A hundred words for snow*, que apresenta a personagem Rory, uma adolescente que acaba de perder o pai em um acidente. Ela, então, decide realizar o maior sonho dele: conhecer o Polo Norte. Ela embarca em um longo trajeto sozinha e escondida, no qual conhece Andreas e Frida, tem experiências novas, como a perda

---

<sup>1</sup> Frase extraída de *O MAIS AO NORTE*, dirigido por mim e traduzido por Nicholas Ciel.

da virgindade, encara uma mistura de sentimentos (amor, saudade, luto, animação, excitação) e volta para a casa com mais sabedoria.

Pedi para que um amigo, Nicholas Ciel, traduzisse a obra para mim, já que não existe nenhuma tradução disponível em português. Logo após ele me entregar o texto, realizei os primeiros cortes e adaptações. Transformei a personagem feminina Rory em Theo, um garoto sem uma idade definida, que perdeu seu pai para o Covid-19. Essa decisão foi feita tanto para que a dramaturgia se aproximasse de mim quanto para que eu pudesse atuar, um desejo que tive desde que li. A partir desta mudança de gênero do personagem principal, vieram outras: a cena em que Rory perde a virgindade teve de ser mudada para a vivência de um garoto gay, por exemplo.

Com a nova dramaturgia finalizada, tinha, agora, que tomar decisões visuais quanto à peça. Uma das primeiras foi a definição do espaço onde estaria acontecendo minha gravação: um teatro. É de extrema importância para mim que eu terminasse minha graduação em direção teatral exercendo a profissão e ocupando o espaço físico do teatro. Por mais que eu fosse utilizar uma câmera e recursos de edição, meu plano era executar uma peça em um palco italiano, com linguagem teatral que seria incorporada na atuação, na movimentação em cena e no cenário.

Para o cenário, a autora da peça diz, no início do texto, que “os únicos itens necessários são o ‘pai’ (uma urna com cinzas) e uma cópia do livro de Fridtjof Nansen, *O norte mais longe*<sup>2</sup>. Por muito tempo, quis seguir exatamente essa instrução, até que Caio Riscado, meu orientador, disse para que eu não me prendesse a isso, que eu deixasse que outros objetos me ajudassem a construir visualmente uma peça mais potente. Com esse comentário, me reuni com a equipe e definimos quais objetos seriam bons termos em cena, até para uma melhor compreensão do público.

Queria demonstrar as passagens de lugar que ocorrem na peça a cada viagem feita por Theo – sua casa, Tromsø, Longyearbyen, o Polo Norte. Para esse efeito, pensei que para o figurino e para cada novo local – e, conseqüentemente, mais próximo do Polo –, o personagem estaria com mais roupas de frio até estar totalmente agasalhado. Em seguida, a

---

<sup>2</sup> HENNESSY, Tatty. *A Hundred words for snow*. Londres: Nick Hern Books, 2018, p. 02

ideia também foi aplicada ao cenário, na medida em que, a cada lugar, o cenário se tornaria mais branco, até ficar com paredes e chão cobertos de “neve”.

A iluminação também adquiriu essa linguagem teatral. Embora tivesse que ser pensada em como ficaria para a gravação – já que a câmera e nosso olho pegam cores, intensidades e tons de formas diferentes –, mantive ela o mais próximo do teatro, com um tom mais quente e utilizando cores como forma de complementar cenas. As cores e momentos em que as utilizamos foram decididos estrategicamente a fim de ajudar nos objetivos da peça.

Meu objetivo principal com essa montagem era apresentar o drama contemporâneo com o intuito de debater os temas inseridos na obra e aprofundá-los, a fim de provocar a reflexão dos espectadores sobre a forma de tratá-los na sociedade “pós-durante pandêmica”. Para atingi-lo, visei a utilização de alguns dispositivos como a mescla de elementos teatrais, mencionados acima, com a linguagem audiovisual e itens direcionados mais a atuação, como a palhaçaria, a comicidade e a quebra da quarta parede. Discutirei mais a parte de atuação no próximo item, “O processo”.

## O PROCESSO

Concomitantemente à adaptação e criação do projeto, juntei nomes para integrar a equipe. Com a pandemia e todos os processos acontecendo via internet, optei por não chamar muitas pessoas por questões organizacionais, já que há uma facilidade em informações e conteúdos ficarem perdidos. Me preocupei em ocupar as posições, que a meu ver, são as principais: assistência de direção, produção, design de luz, preparação corporal, cenografia e figurino. Entrei em contato com aquelas e aqueles que exerceram essas funções em *horas* e todas e todos aceitaram fazer parte.

Com o texto finalizado e equipe definida, partimos para o restante do processo. Tivemos um tempo muito curto para os ensaios, gravações e edição, já que o semestre começou no final de março e a peça deveria estar finalizada no primeiro dia de junho. Com um cronograma apertado, tivemos 4 semanas de ensaio, 1 final de semana de gravação e 2 semanas de edição.

Como todos ali já se conheciam de trabalhos anteriores, pulamos a parte de apresentação e, na primeira semana, começamos a leitura do texto. Ao longo dessas leituras, fizemos pausas para refletir sobre o que estava sendo dito e aproveitamos para debater sobre quem é Theo, quais são seus gostos, suas características e seu jeito de falar, já construindo esse personagem e seu corpo. Também passamos rapidamente por outros personagens, como Frida e Andreas, que ganham destaque ao longo da peça.

Essa leitura foi essencial para o trabalho, pois ganhamos mais intimidade com o texto, discutimos sobre os ritmos e camadas que a peça possui, os momentos de mais êxtase e sobre como fazer o público acompanhar. O espetáculo é extremamente narrativo, então deveríamos desenvolver uma cena que não deixasse o espectador entediado, apenas ouvindo a narração de uma grande viagem e se perdendo na maré de informações que são levadas até ele.

Infelizmente, por causa do tempo de ensaios, não consegui seguir o cronograma que havia preparado e, na segunda semana, já estávamos levantando cenas. Essa parte foi confusa, tendo em vista que não sabia ao certo como tudo iria ficar no final. Na semana anterior, eu sabia que gostaria de duas câmeras: uma para contar a história e outra para falar diretamente com o público, como acontece na série *Fleabag*<sup>3</sup>, mas não havia pensado em

---

<sup>3</sup> Série de comédia inglesa escrita e estrelada por Phoebe Waller-Bridge e produzida pela Two Brothers Pictures e BBC Three, co-produzida pela Amazon Studios.



como elas funcionariam, onde estariam, o que mostrariam. Foram três ensaios de descoberta do primeiro capítulo do texto e de como essas câmeras funcionariam.

Para facilitar a criação de cenas e definir melhor o que faríamos a cada ensaio, decidimos separar o texto, que é corrido, em capítulos. A cada ensaio, leríamos/montaríamos/limparíamos um capítulo diferente para mantermos um ritmo. A divisão foi a seguinte:

- Capítulo 1: Apresentação (quando Theo se apresenta, conta sua história e introduz seu pai)
- Capítulo 2: Memórias (Theo revisitando o passado através das lembranças no escritório de seu pai)
- Capítulo 3: Polos (a explicação de todos os Polos existentes)
- Capítulo 4: Decisão (o momento em que Theo decide ir, separa os itens necessários e conversa com sua mãe)
- Capítulo 5: Tromso (o momento em que Theo chega na cidade nova, vai ao museu e ouve as risadas de adolescentes)
- Capítulo 6: Andreas (logo após as risadas, quando Theo e Andreas se conhecem, a festa e o diálogo antes de transarem)
- Capítulo 7: Sexo (a cena em que os dois transam)
- Capítulo 8: Avião (quando Theo sai da casa de Andreas, entra no avião e tem o primeiro contato com Frida)
- Capítulo 9: Frida (todos os diálogos com Frida, desde a carona na saída do aeroporto até a parte em que ela descobre que ele está sozinho e escondido)
- Capítulo 10: Delegacia (Theo reencontrando sua mãe)
- Capítulo 11: Helicóptero (a cena de despedida do pai)
- Capítulo 12: Final (quando tudo volta para a formação inicial e Theo volta a refletir sobre o início de tudo)

Dessa forma, a cada dois ou três ensaios, começávamos a trabalhar em um capítulo diferente, dando tempo para podermos criar a peça toda em um tempo relativamente igual, não deixando as partes finais “inacabadas” em relação às partes iniciais. Acredito que essa tenha sido a melhor forma de ensaiar uma peça longa que não tem uma divisão de cenas definida pois sempre estávamos revisitando o que fizemos anteriormente, adicionando mais nuances e comentando diferenças. Nós criávamos as cenas novas na mesma emoção e

sintonia que as anteriores, fazendo o ator-diretor passar pelo ciclo do personagem em todos os ensaios.

Para o desenvolvimento dos personagens, Yasmin Viana, a preparadora corporal, realizou, no início de cada ensaio, exercícios que me faziam pensar sobre como cada corpo é, trejeitos, vícios, tons de voz, personalidades e relação com os outros personagens da peça.

Através de exercícios de velocidade, nos quais eu corria pela sala de minha casa enquanto ouvia a voz de Yasmin pela televisão, desvendamos alguns pontos-chaves para trazer dinamicidade para cada cena da peça. Percebemos que, em cada capítulo, existem momentos de muita animação, então a fala era mais acelerada e energética, momentos de visualização de espaços, em que a fala deveria ser mais calma e pausada para ajudar na construção desses locais e levar o espectador para essas paisagens novas vistas pelo olhar de Theo.

Estes exercícios também foram importantes para definir o ritmo de cada personagem. Enquanto Frida era uma senhora que possui um jeito de falar mais tranquilo, arrastado às vezes, o Pai tem uma voz mais tranquila também, mas é grave e define bem as palavras na hora de falar pois era professor. A Mãe tinha uma fala agitada de aflição, enquanto Theo possui uma fala agitada pela ansiedade. E, durante esses aquecimentos no início de cada ensaio, Yasmin pedia para que eu mudasse rapidamente de personagem, voz e trejeitos para poder brincar com as velocidades de troca de personagens – que são muitas – e ritmos de cada um deles. Os personagens foram criados a partir de palavras-chave ditas por mim enquanto criava seus corpos:

- Mãe – aflição
- Pai – conhecimento
- Theo – ansiedade
- Andreas – sensual
- Marcus – amizade
- Astrid – diversão
- Frida – paz-e-amor

Essas palavras guiaram toda a criação de seus corpos e definiram quais as relações entre cada personagem, mesmo que eu não interpretasse todos no final, como no caso da Mãe. Com certeza, a meu ver, essa parte do processo foi a mais difícil de todas. Era essa criação, o desenvolvimento de ritmos de falas, velocidades, nuances, que definiriam se a peça seria

boa ou monótona. Por vezes pensei em cortar falas ou até em pedir para a equipe também ser parte do elenco para que outros rostos e vozes fossem vistos e trouxessem uma sensação de respiro para o espectador que me veria por mais de 40 minutos falando.

Ao longo de todo o processo de ensaios, fiz questão de ouvir minha equipe inteira, desde as assistentes de direção e o orientador até a designer de luz, no final de cada cena passada para poder contribuir com a construção geral. Todos adicionaram comentários, deram dicas, propuseram exercícios para que a atuação estivesse certa. Muitas ideias, informações e referências foram trocadas para que chegássemos no produto final que foi exibido no *YouTube*.

Com o fim dos ensaios, chegaram os dias de gravação. E que loucura. Durante a escrita do roteiro, separamos o texto em 106 cenas a serem gravadas em três dias. Procurei dividir as cenas igualmente dentro de cada dia: no primeiro, gravaríamos os capítulos 1, 2, 3, 4 e 12; no segundo dia, os capítulos 5, 6 e 8; no último dia, os capítulos 9, 10, 11, 7. Mas, com um bom set de gravações... tudo deu errado!

Assim que chegamos no local de gravação, montamos as luzes, finalizamos o cenário e o figurino e deixamos tudo pronto para gravarmos depois do intervalo de almoço. O tempo de montagem do teatro é parecido com o do audiovisual, então essa parte estava programada. Só que, com o nervosismo, problemas com manuseio da câmera – que, graças ao Márcio Ferreira, deu certíssimo assim que assumiu – e regravação de cenas – que só acontece no cinema, já que no teatro temos apenas uma chance de acertar –, gravamos apenas 3 capítulos dos 5 programados na ordem do dia.

O segundo dia de gravação foi mais tranquilo. Com tudo montado e já acostumados com o ritmo de gravação, pegamos jeito e gravamos mais 4 capítulos. Estávamos na metade da peça e tudo ocorreu muito bem. O terceiro dia foi o melhor de todos: a equipe já estava bem familiarizada, eu já estava muito mais tranquilo quanto a atuação e o nervosismo e finalizamos toda a gravação da peça – mesmo que 2 horas depois do horário do fim do set.

Partimos, então, para a parte mais corrida de todas: a edição. Separamos as gravações e áudios que utilizaríamos e entregamos para os três editores que entraram na equipe uma semana antes das gravações. Foram 15 dias de edição bem corridos. Cada editor ficou responsável por uma parte da peça e, no final, iríamos juntá-las. Normalmente, o processo de edição leva tempo pois é uma parte que tem que estar muito bem finalizada para não haver

erros ou fazer com que erros não transpareçam tanto. O diretor e os editores estão juntos, na mesma sala, trocando informações enquanto editam, mas isso não foi possível de ocorrer. A partir do roteiro, todos editaram, enviam as partes para mim e eu devolvia com comentários pedindo para mudarmos alguns cortes e com elogios de partes que achei que ficaram incríveis.

Ao longo da edição, outros cortes foram feitos por questões de estética. Algumas cenas não ficaram do jeito que eu imaginava, afinal, muita coisa mudou durante as gravações. Fomos descobrindo novos ângulos e novas formas de brincar com a câmera, o que nos levou a juntar cenas, cortar outras – também pela questão de tempo que tínhamos para gravar a peça toda. Em nenhum momento deixamos de alterar toda a peça, nem mesmo durante as gravações, em que teríamos que ter tudo fechado para enviarmos à edição.

No geral, o processo da peça foi corrido e uma explosão de experiências novas, tanto por ser audiovisual, quanto por ser remoto. Sorte a minha de ter uma equipe tão engajada, bem entrosada e amigável, que topou tudo desde o início e não mediu esforços para ajudar e construir comigo um trabalho tão potente, profundo e bonito.

## CONCLUSÃO

Autoavaliação sempre foi um problema para mim, tendo em vista que sempre me cobro muito em relação ao meu próprio trabalho. Nunca acredito que fiz um trabalho digno, que dei meu melhor, mas, lembrando todos os elogios que me foram enviados depois da estreia, penso que consegui chegar em algo muito satisfatório e que me representa como artista.

Primeiramente que conseguimos – eu e toda a equipe – fazer dois projetos de teatro durante uma pandemia que, enquanto escrevia esse memorial, ultrapassou a marca de 500 mil mortos. De forma remota, com meios de produção reduzidos e com um orçamento que temos que fazer mágica, ensaiamos, produzimos, gravamos, editamos e lançamos uma peça-média-metragem e uma peça-longa-metragem, do jeito que gostamos de chamar. Só esse parágrafo já é o suficiente para concluir que tudo foi realizado com êxito.

Ao longo de meses de processos, reuni uma equipe fiel, apaixonada e disposta a fazer de tudo para que os trabalhos dessem certo e ficassem perfeitos em meio à tanta adversidade. Tenho orgulho em dizer que a Estoque Cia. de Teatro – nome que criamos no primeiro dia de gravação de *O MAIS AO NORTE* – sempre se ouviu, se ajudou, nunca brigou. Ter uma equipe tão unida foi um dos maiores ganhos. Teatro e arte são feitos com união.

Quanto ao projeto em geral, gostei muito do resultado que cheguei com o texto, ideias de cenografia e indumentária, o contexto de toda a peça que foi adaptado. Acredito ter fechado um trabalho conciso, claro e direto, uma obra que se feche em si mesma. Assim também pensaram pessoas que comentaram sobre a minha peça, sejam elas amigos, professores, profissionais do ramo.

Ser ator e diretor ao mesmo tempo é bastante complicado. Queria eu saber disso antes de encarar essa peça. Durante os ensaios, por muitas vezes, me vi sem vontade de ensaiar, fazendo cenas por obrigação e deixando atitudes como essa passarem. Como ator-diretor, posso melhorar esse lado, com certeza, afinal é meu próprio trabalho que está em jogo. Se pudesse, voltaria no tempo e me daria um puxão de orelha para que me empenhasse mais e tendo exercido mais a função de diretor que tanto estudei. Mesmo sendo um trabalho audiovisual, sinto que a minha presença poderia ter sido melhor, mais investida, como disse uma das professoras em minha banca. Exploraria mais sutilezas, tensionamentos, relações entre personagens, criação de corpos e vozes.

Em relação à edição, sou muito exigente pois quero que o público veja o melhor trabalho possível. Nos dias que editamos, enviei mais de 50 mensagens pedindo ajustes na edição da peça. No final, acredito que chegamos – no plural, pois muitas ideias foram dadas pelos editores também – em uma obra bonita, bem montada, mas que, claro, ainda pode melhorar para ajudar o próprio espectador a entrar mais na história. Mesmo com o espetáculo estreado, anotei diversos momentos que quero mudar para poder continuar com ele vivo.

Ao fim, como minha formação é em direção teatral, fiz o melhor que pude nessa adaptação para o cinema. Encarei os problemas, criamos soluções e aprendemos juntos. Como disse anteriormente, muitos percalços passamos durante esses meses, mas conseguimos. O melhor de tudo é que saio da UFRJ com um projeto que é totalmente independente no sentido de ser um filme, uma peça, um curta-metragem, podendo até virar um podcast, quem sabe.

Reli meu projeto inicial para escrever esse memorial e uma mistura de sentimentos passa por mim. Felicidade, orgulho, saudade do início da graduação, do início desse processo que não sabia onde iria me levar – e me levou para um lugar lindo, em que tudo que havia programado se concretizou.

Obrigado curso de Direção Teatral da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## IMAGENS

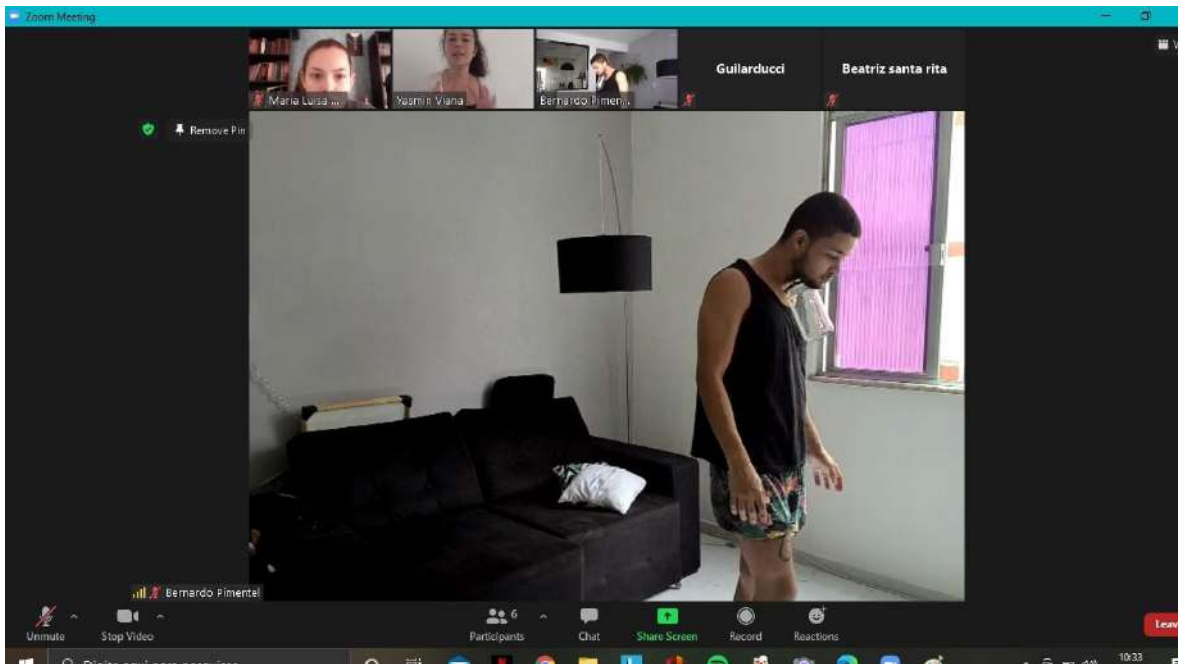


Imagem 1: Experimentação com a urna

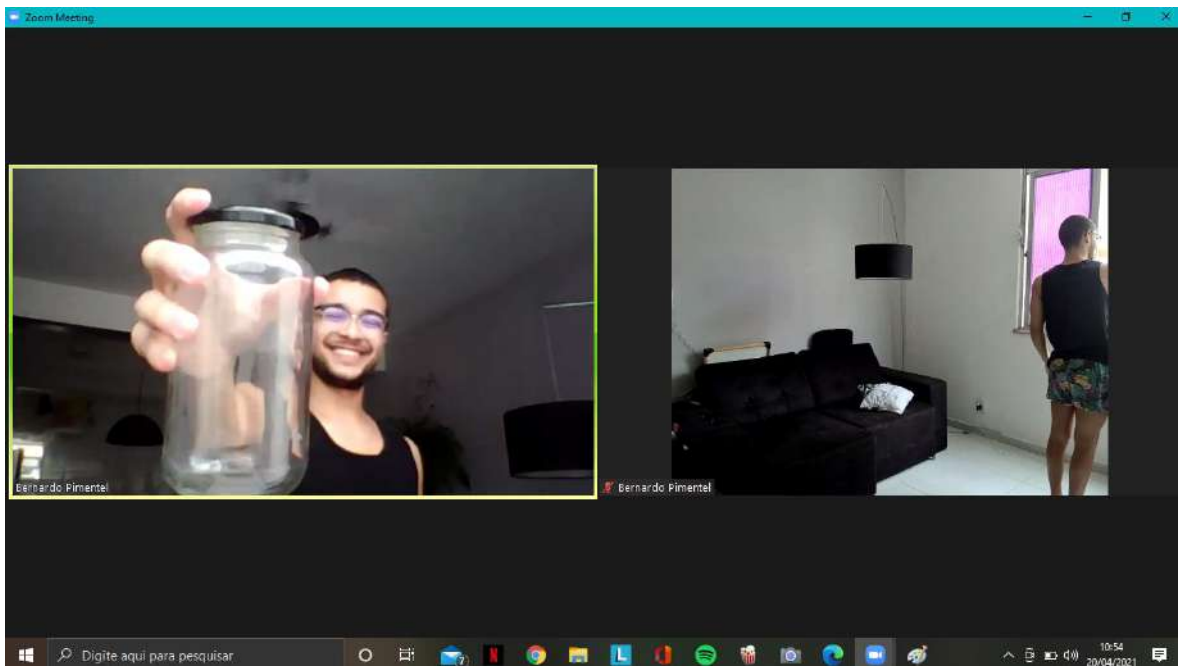


Imagem 2: Ensaio de cena com câmeras

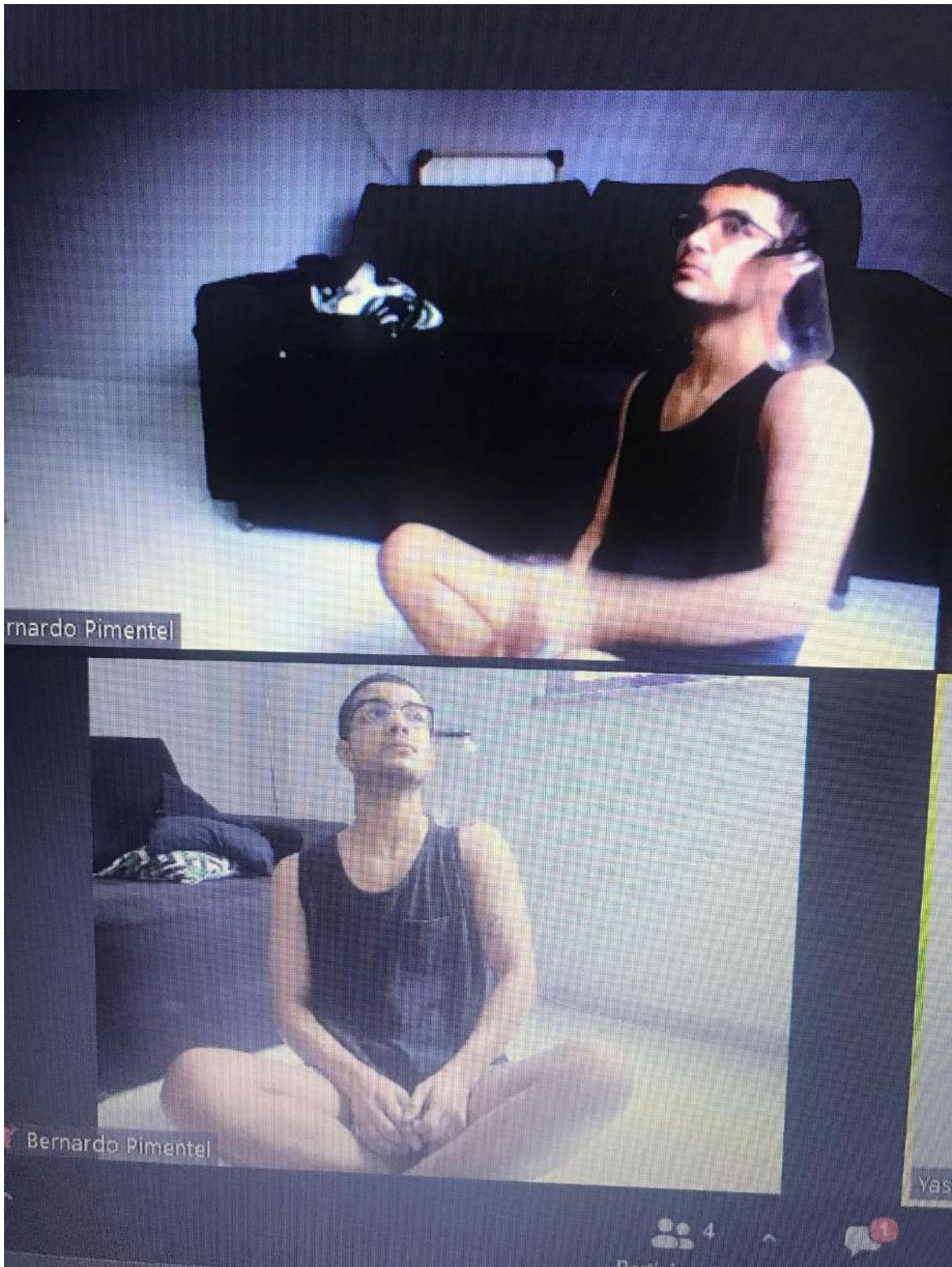


Imagem 3: Ensaio de cena





*Imagem 4: Teste de enquadramento*



*Imagem 5: Parte da equipe durante as gravações*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUINSBURG, J. *Stanislávski e o Teatro de Arte de Moscou: do realismo externo ao tchekovismo* / J. Guinsburg – São Paulo: Perspectiva, 2015. – (Estudos; 192 / dirigida por J. Guinsburg)

HENNESSY, Tatty. *A Hundred Words for Snow*. Londres: Nick Hern Books, 2018.

LEPECKI, André. *Planos de Composição*. In: Rumos Itaú Cultural. Cartografia rumos itaú cultural dança 2009-2010: criações e conexões. GREINER, Christine; SANTO, Cristina Espírito; SOBRAL, Sonia (ORG.). São Paulo: Itaú Cultural, 2010.

NANSEN, Fridtjof. *Farthest North: Being the Record of a Voyage of Exploration of the Ship Fram, 1893–96, and of a Fifteen Months' Sleigh Journey*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

## REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

FLEABAG. Vários diretores. Produção: Phoebe Waller-Bridge, Harry Williams e Jack Williams. Intérpretes: Phoebe Waller-Bridge, Sian Clifford, Olivia Colman, Jenn Rainsford, e outros. Roteiro: Phoebe Waller-Bridge. BBC, 2016. PRIME VIDEO.